

“VIDEOGRAFIAS DE SI”, NARRATIVAS DE NÓS: A INTIMIDADE COMPARTILHADA EM *JOUT JOUT PRAZER**

Kárin Klem Lima – UENF

Prof^a Dr^a Analice de Oliveira Martins – IFFluminense e UENF

RESUMO: O interesse contemporâneo por narrativas voltadas para o cotidiano e para a intimidade tem encontrado novas formas expressivas na internet. Presente também na linguagem audiovisual, as práticas videográficas de caráter autobiográfico demonstram que as possibilidades de escrita íntima adaptam-se a diferentes linguagens, introduzindo características e modos de circulação da comunicação próprios. Diante da crescente popularização dessas práticas, a partir da avaliação do canal do *YouTube Jout Jout Prazer*, o presente artigo objetiva analisar como as videografias autobiográficas circulantes na internet produzem novas formas expressivas e narrativas, quais significações elas incorporam a essa maneira de narrar a própria vida e como elas reconfiguram as relações entre autor e espectador.

PALAVRAS-CHAVE: Videografias de si. Narrativas autobiográficas. Redes de relacionamento.

INTRODUÇÃO

A exposição da intimidade dissemina-se por diferentes linguagens pela internet. O cotidiano tem livre acesso na *web* e o interesse de um público de números potenciais. Com as transformações que a evolução das ferramentas e dispositivos tecnológicos digitais provocam nos paradigmas comunicacionais, as narrativas de si ganham novas formas de expressão por meio de escritas, imagens, sons e vídeos. Mais do que formas de expressão e narrativas, observa-se que as “escritas do eu” (SCHITTINE, 2004) estabelecem novos processos de criação estimulados pelos recursos de interatividade presentes nos sites, canais, redes sociais, entre outros.

No caso dos códigos audiovisuais, a difusão dos dispositivos para produção e reprodução de vídeos e a circulação desses produtos em redes sociais ou em plataformas mais direcionadas para o compartilhamento, como o *YouTube*, facilitam a criação das narrativas de si. Conforme observa Costa (2009b, p. 145), “a tentativa de escrever a própria história encontra uma notação específica no site *YouTube* onde todos esses fatores dão origem a um novo modo de narrar a si mesmo”, o que ele define como “videografias de si”. De acordo com o conceito proposto, as videografias de si consistem em “novas formas de registro autobiográfico em vídeo nos quais a enunciação de si funciona como um modo de historização pessoal” (COSTA, 2009b, p. 146). Essa forma de registro, que tem se popularizado pelas redes apresenta características próprias em todo o seu processo produtivo – da criação à divulgação –, relacionadas, em grande parte, a novas relações que emergem de uma reconfiguração que acontece nos polos *emissor* e *receptor* do esquema de comunicação. A fim de analisar algumas particularidades dessa prática que Costa (2009b) denomina “videografias de si”, será analisado o canal *Jout Jout Prazer*¹, comandado pela jornalista Julia Tolezano.

O canal, que teve início em maio de 2014, possui atualmente mais de 640 mil seguidores no

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

1 Disponível em <<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer/featured>>

YouTube, além de contas em outras redes sociais com números igualmente altos: no *Facebook*², a *fanpage* da *Jout Jout Prazer* possui mais de 514 mil seguidores ; no *Twitter*³, são 127 mil ; e, no *Instagram*⁴, 302 mil⁵. No canal, Jout Jout, apelido da autora, narra experiências pessoais e relatos de temas voltados, em sua maioria, para a intimidade de questões de gênero e relacionamentos, pelo seu ponto de vista, o de uma jovem adulta. As histórias partem de vivências pessoais de Julia, de situações que foram compartilhadas com ela e despertaram-lhe certos questionamentos. Com uma abordagem feita com humor ácido e bastante objetividade, Jout Jout consegue aproximar-se de assuntos considerados polêmicos e incômodos. Observa-se, nos comentários deixados pelos espectadores , o envolvimento diegético com as histórias narradas em um formato voltado para a simplificação da produção – outra característica desse modo de produção.

Jout Jout Prazer exemplifica uma videografia de si, de acordo com o conceito apresentado por Costa. Diante dos números expressivos de *Jout Jout Prazer* nas redes sociais, percebe-se a presença do espectador na construção da narrativa. Tal presença enseja uma reflexão acerca do interesse pelas chamadas “práticas autobiográficas contemporâneas” (COSTA, 2009b, p. 142), uma vez que, apesar da percepção de uma “videografia de si”, os vídeos produzidos pelo canal possuem, em suas formas expressivas e narrativas, uma natureza menos individual e mais coletiva, concedendo ao espectador um espaço mais participativo na experiência do autor. Deste modo, o presente artigo pretende analisar as transformações nos papéis de autor e espectador nas narrativas autobiográficas em vídeo veiculadas na internet. Para tal, serão debatidos alguns aspectos acerca das práticas contemporâneas de autobiografia, com ênfase nas formas audiovisuais, buscando observar as particularidade do canal *Jout Jout Prazer* em relação às formas expressivas, narrativas e aos novos papéis assumidos por autor e espectador a partir das possibilidades de interatividade presentes nas redes sociais.

1 AS “VIDEOGRAFIAS DE SI” COMO PRÁTICAS AUTOBIOGRÁFICAS

Com a possibilidade de construção de locais de produção de conteúdo na *web*, as práticas autobiográficas contemporâneas têm encontrado formas de adaptação no ambiente virtual. Dentre elas, destaca-se o diário, que ganha novas formas de interpretação, criação e produção na forma de narrativas e relatos escritos, imagéticos e audiovisuais. No contexto atual de disseminação dos códigos audiovisuais, estimuladas pela popularização dos aparatos de produção e recursos para a veiculação e exibição, elas assumem a forma de “videografias de si” – pequenas autobiografias em vídeo no *YouTube*.

Nelas, são descritas e narradas experiências do cotidiano, impressões e análises de si, geralmente ancoradas em situações corriqueiras do dia a dia. Elas são produtos de indivíduos para os quais o registro e a exibição de si em vídeo se torna (*sic*) tanto um modo de representação como uma expressão da subjetividade. Nas videografias, essa dupla função se articula com um viés confessional para constituir sua especificidade (COSTA, 2009a, p. 206).

A incorporação dos recursos tecnológicos para a “escrita do eu” aponta indícios de que esta é uma atividade reagente ao contexto da sociedade na qual está inserida. As práticas permanecem (a escrita íntima, *no caso*), e a incorporação dos novos recursos disponíveis gera desdobramentos que agregam-lhe novas significações. Um primeiro desdobramento está na visibilidade dada à vida de pessoas comuns: “há um deslocamento em direção à intimidade: uma curiosidade crescente por aqueles

2 Disponível em <<https://www.facebook.com/prazerjoutjout/>>

3 Disponível em <<https://twitter.com/joutfuckinjout?lang=pt>>

4 Disponível em <<https://www.instagram.com/joutjout/?hl=pt-br>>

5 Números consultados em nos endereços das redes mencionadas, no dia 26 de janeiro de 2016.

âmbitos da existência que costumavam ser de maneira inequívoca como privados” (SIBÍLIA, 2008, p. 34). Ao mesmo tempo, a veiculação na internet libera o consumo da vida do outro da culpa. O olhar para a intimidade do outro não mais é uma violação de privacidade, pois o privado está público na rede, e os vídeos foram produzidos para serem exibidos (COSTA, 2009a, p. 212). Um segundo desdobramento está na utilização de estética caseira, reforçada pela simplificação dos equipamentos e recursos de produção. A vida da pessoa comum torna-se mais crível dentro de cenários que remetam à intimidade, como elementos indexadores da vida real que é ali uma apresentação ou, no termo apontado por Sibília (2008), uma “âncora no real”. Nas videografias de si, cabe a incorporação do imprevisto – esse não só como um elemento cenográfico, mas como um elemento discursivo, na construção da narrativa.

1.1 *Jout Jout Prazer*: “videografia de si” como narrativas de nós

Com a disseminação de canais no *YouTube* voltados para questões do cotidiano e a exposição da intimidade, como um canal consegue destacar-se para os usuários da plataforma? Uma das possibilidades de resposta a essa pergunta está nos processos de identificação que as histórias geram. Conforme explica Costa (2009b, p. 143), as micronarrativas “criam uma janela de identificação e a possibilidade de um diálogo com o outro”. Os espaços para o autobiográfico estão mais acessíveis e comportam um número imensurável de histórias na esfera virtual. O discurso autobiográfico não mais é um privilégio restrito a poucos, e sua difusão “dá voz àqueles que estiveram alijados da emissão das páginas da história, nas quais compareciam apenas como grupo e nunca como indivíduos” (COSTA, 2009b, p. 143). No caso de *Jout Jout Prazer*, a personagem apresenta-se como “uma moça que ensina a usar um coletor menstrual, explica por A mais B porque brigadeiro não engorda, conta segredos escatológicos das mulheres, discorre sobre mal entendidos em relacionamentos, dança, canta, fala palavrão e sobre sexo” (ABDALLA, 2015).

Os temas abordados por Júlia estão presentes em outros canais. Todavia, a forma como ela constrói a narrativa discursiva e esteticamente tornam seus relatos fluidos e atrativos. Ela aplica o verbo “destabilizar” para expressar a função de determinados vídeos. O discurso tem uma tônica coloquial forte, não parece seguir um roteiro definido; erros e imprevistos são aproveitados e incorporados ao vídeo – esses editados com algum efeito que imprima humor ao trecho –; suas falas são marcadas por gestos e expressões faciais exageradas, e os discursos não são apresentados de forma linear, podendo antecipar e repetir alguns trechos como forma de foco para o assunto e provocar efeitos de humor. Esteticamente, os vídeos utilizam uma câmera parada, com as locações geralmente em cômodos diferentes de sua casa. Essa escolha de locação também endossa a ideia de intimidade, representando o espaço familiar, como se o espectador conhecesse a casa dela. Outros recursos, como cartelas e legendas, também são utilizados, mas sempre de forma amadora.

Observa-se, no desenho de canal construído em *Jout Jout Prazer*, que o amadorismo – seja ele intencional ou não – aproxima autor e espectador. As marcas do naturalismo nos vídeos diminuem as distâncias entre emissor e receptor nesse processo comunicacional, conferindo ao material a ideia de acessibilidade do espectador em relação ao emissor, corroborada pela possibilidade de identificação com o personagem presente naquele vídeo. O que é apresentado não possui maquiagens, equipamentos de iluminação ou instrumentos para uma fabricação mais elaborada. O espectador a vê como ela “é”. Tal ação reforça o processo de identificação com o relato de vida ali apresentado: o espectador poderia ter vivido aquela história, poderia ter agido como ela. Além disso, reforçado nessa estética mais voltada para o amadorismo, o espectador percebe que ele poderia produzir aquele vídeo e, assim, aquela narrativa fala de uma maneira mais direta e afetiva com ele.

Percebe-se, então, que uma nova forma de relacionamento aparece nesse processo: um relacionamento centrado na virtualidade, enquadrado nos formatos contemporâneos. Estabelece-se, na prática autobiográfica contemporânea, uma nova relação com o interlocutor, que opera como

confidente. “O contrato de cumplicidade se modifica porque não conta mais com as relações face a face, mas se apóia em uma confiança que virá apenas do texto escrito” (SCHITTINE, 2004, p. 20), no caso, do vídeo.

O canal de Júlia popularizou-se com o vídeo “Não tira o batom vermelho” (Figura 1), sobre relacionamentos abusivos. O ponto de partida para a produção do vídeo foi o relato de uma conversa que ela teve pelo *Facebook* com uma pessoa sobre o assunto. Ela propôs debatê-lo em um outro grupo na mesma rede social e, a partir dos relatos obtidos na discussão, ela foi construindo o vídeo. Nele, Jout Jout conversa diretamente com o espectador: “(...) eu vou falar sobre relacionamentos entre homens e mulheres, mas aí você coloca o gênero que você quiser, tá?, nos artigos que eu for usar. Tá bem? Então, tá bem! Mas, Jout Jout, como eu vou saber se eu estou em um relacionamento abusivo? (...)”. A partir daí, ela lança perguntas sobre o comportamento do parceiro(a) para o(a) espectador(a), com base nos relatos colhidos sobre o assunto. A estrutura do vídeo segue na estrutura pergunta com corte para a entrada de uma cartela escrita “relacionamento abusivo” com efeito sonoro de buzina.



Figura 1: Frame do vídeo *Não tira o batom vermelho*.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>>

O próprio encadeamento discursivo do vídeo, cujo ponto de partida está na experiência que iniciou o processo de reflexão e a vontade de debater o assunto (“destabilizar” o relacionamento abusivo, no sentido de dar visibilidade a histórias para provocar uma reflexão sobre o tema), localiza o espectador dentro do vídeo, uma vez que, foi por meio do compartilhamento de depoimentos (em outras redes sociais) que o vídeo foi produzido. A popularização desse vídeo indica uma aceitação na forma como essa relação entre autora e espectador é construída, na abertura que o espectador concede à autora para que ela compartilhe essa experiência íntima. Conforme aponta Costa (2009b, p. 142), “o interesse contemporâneo por essas pequenas narrativas do cotidiano expressa ainda a relação mais mútua e intrincada entre os produtores e os consumidores, agora quase impossíveis de serem encaixados nas duras categorias de emissores e receptores”. A relação entre emissor e receptor, produtor e consumidor, ganha maior horizontalidade, devido à acessibilidade que se deseja ter com o público (facilitada pela virtualidade com que ela é estabelecida) e pelo lugar que seu discurso ocupa para seus espectadores. Jout Jout, em seu canal e em suas redes de relacionamento, passa a ocupar um lugar de fala que representa seus espectadores, como aponta a própria Júlia em uma palestra realizada no *Tedx*⁶:

6 *Tedx* é um programa desenhado para ajudar comunidades, organizações e indivíduos por meio de palestras sobre experiências realizadas. Outras informações disponíveis em <<https://www.ted.com/about/programs-initiatives/tedx-program>>. Acesso: 10/01/2016.

(...) mas eu falo da perspectiva de uma mocinha que tem desejos e vontades como todo mundo, e que tem medos horríveis que não fazem o menor sentido, e tem inseguranças em cabimento nenhum. E aí, as pessoas veem aquilo, e a carapuça serve até o talo, e aí a pessoa vê aquilo como um clique na vida dela, e aí ela gera aquela mudança. E é engraçado, porque quando nossa mãe fala 'olha só, esse menino não está te fazendo bem. Você devia terminar com esse garoto', a gente fala 'mãe, não se mete na minha vida, tá? Você tem nada que ficar se metendo aqui'. Aí vem uma completa desconhecida e fala 'esse menino tá errado nisso. Não sei se tá bom isso não. Você tinha que olhar isso aí' e aí a menina fala: 'ela tá falando comigo. Esse vídeo é para mim. Foi para mim que ela fez. Estou representada aqui, nesse vídeo'. E eu acho que isso acontece porque a gente, essa nossa geração, a gente não tá muito querendo receber ordem de ninguém (...) (TOLEZANO, 2015).

Embora as escritas íntimas pressuponham o olhar individual (voltado para *si*), a publicização da prática revelou, por meio dos vídeos, no caso, identificação do interlocutor com os temas abordados. Mantém-se, na prática da escrita videográfica íntima, as utilidades descritas por Philippe Lejeune (2008, p. 261-264) para o autor e interlocutor. Conforme colocado anteriormente, a incorporação dos recursos tecnológicos para a “escrita do eu” aponta indícios de que esta é uma atividade reagente ao contexto da sociedade na qual está inserida. Assim, sobreviver, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir e pensar podem vir de um “clique” que desencadeia processos de identificação com uma experiência exterior ao indivíduo. O espectador sobrevive, desabafa, conhece a si, delibera, resiste e pensa a partir da experiência do outro ou na experiência de ter sua história relatada por outro. As formas de intervenção do espectador – facilitada, incentivada (e também desejada) pela interatividade das redes sociais – modificou os lugares da experiência para a narrativa videográfica. Nesse sentido, as *videografias de si* tornam-se *narrativas de nós*.

Nas formas dessas videografias de si, o espectador possui papel ativo na construção dessa narrativa. Mais do que uma mera audiência, ele estabelece uma rede de relação com o autor, que passa a incorporá-lo em sua escrita íntima. O compartilhamento de experiências, propiciado por ferramentas de comunicação e *feedback* entre espectador e autor, tem a capacidade de afetar o autor, que retira da experiência o que ele irá narrar. Conforme aponta Benjamin (1987, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Assim, por mais que o relato abordado no vídeo venha de uma experiência externa à do autor, há, no depoimento narrado no vídeo, o impacto que a experiência compartilhada gerou. Reside, no vídeo, portanto, a experiência própria e a experiência do outro. E, diante do ato de assistir àquele relato, a experiência do espectador. As videografias de si, portanto, abrigam processos de identificação e assuntos que agregam um caráter universal dentro daquela rede de relacionamento estabelecida com os seguidores do canal – ideia ilustrada em depoimentos do tipo “ela fez esse vídeo para mim!”, como Júlia Tolezano coloca. Abrigam, nessa perspectiva, “narrativas de nós”.

CONCLUSÃO

Por meio da análise do trabalho realizado pelo canal *Jout Jout Prazer*, este artigo buscou tecer considerações preliminares acerca das particularidades que as práticas autobiográficas em vídeo conferem à “escrita do eu” (SCHITTINE, 2004). As formas expressivas e narrativas apresentam marcas de “ancoragem no real” (SIBÍLIA, 2008), como a estética caseira e amadora do vídeo, que endossa a atmosfera intimista e o tom confessional da narrativa. Há um processo de identificação do espectador, que se vê representado na figura de uma pessoa comum, com a vida consagrada no vídeo que poderia ser a dele e com as questões ali discutidas que perpassam seu cotidiano também.

A veiculação de narrativas autobiográficas na *web* cria a expectativa de um interlocutor público. No caso das videografias, esse interlocutor é um espectador e necessário para a construção do

sentido do vídeo. Tal aspecto amplia o poder de intervenção no papel do interlocutor, que possui recursos para interagir com o autor e é estimulado a isso. Os *feedbacks*, os espaços para comentários e compartilhamentos criam uma rede de relacionamento entre os seguidores do canal entre si e com a autora – que passam a interferir nas narrativas produzidas, seja por meio da sugestão de temas, seja pela confidência de histórias próprias. A significação da experiência narrada no vídeo – tradicionalmente vinculada à ideia da individualidade – revela um caráter coletivo, compartilhado. Dessa forma, a videografia de si conteria, portanto, narrativas de nós.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Ana Luisa. Jout Jout, o prazer é todo nosso. *Revista Trip Para Mulher*, 13 mar. 2015. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/jout-jout-o-prazer-e-todo-nosso>>. Acesso em: 02/01/2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

COSTA, Bruno. “Personagens de si nas videografias do YouTube”. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, maio./ago. 2009 A, p. 206-219. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/958/898> Acesso em: 10/01/2016.

_____. “Práticas Autobiográficas Contemporâneas: as videografias de si”. *Doc On-Line*, n. 6, p. 141-157, ago. 2009b. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_bruno_costa.pdf>. Acesso em: 10/01/2016.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, PAULA. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2008.

TOLEZANO, Júlia. *Vamos nos amar virtualmente*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zbkImGWtyK0>>. Acesso: 10/01/2016.